



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HML\_16/2017

Homilia no Jubileu dos Missionários Espiritanos

Braga, Capela Imaculada, 04.Jul.2017, 18h15

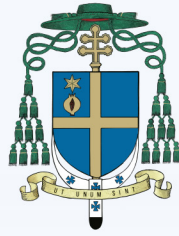
### ***Missionários sempre e em todos os lugares***

Sei que os Missionários do Espírito Santo em Portugal estão a celebrar 150 anos de missão e presença no nosso país. É um momento significativo que nos enche o coração, uma oportunidade para demonstrarmos o nosso reconhecimento e gratidão pela obra realizada, pelas pessoas que concretizaram inúmeros sonhos e pelos imensos projectos que só Deus conhece verdadeiramente. Inseridos na história, continuam a querer marcar o futuro com esperança para todos os povos, sabendo que isso supõe uma renovada paixão segundo o que o Espírito lhes concede viver. Sem ignorar as glórias passadas, nem menosprezando as germinações de vida e obras que o futuro poderá proporcionar, estas celebrações são um desafio ao presente, feito de momentos que se sucedem mas carregado de um amor apaixonado à causa do Evangelho e da comunhão eclesial.

O Evangelho é eloquente e continua a propor como paradigma cristão um mandato divino. Há textos bíblicos que se prestam a diversas interpretações. Hoje tudo é muito claro e firme: “Assim como Pai me enviou, também eu vos envio a vós”. Não se trata de um mandato particular, como se fosse dirigido a um pequeno grupo. A Igreja não se pode escusar e não aceitar esta dinâmica universal do envio. Universal tanto para os protagonistas como para os destinatários. A palavra é dirigida a todos e ninguém pode desculpar-se dizendo que não entende o conteúdo.

O Papa Francisco tem sido muito feliz quando diz que não aceita cristãos passivos, concentrados na sua interioridade ou refugiados nas suas devoções. A missão é para todos e para cada um. Não há espaço para espectadores com alguma ajuda ocasional e formal. Todos expressam a sua identidade baptismal neste comportamento que inquieta e desinstala. É preciso estar fora, partir para uma responsabilidade evangelizadora que mobiliza a comunidade cristã, que não aceita a missão como uma alínea do seu programa pastoral mas sabe que deve ter uma personalidade forte: ou se é missionário ou se está totalmente desfigurado. Não é uma opção! O Espírito Santo não permite tanto passivismo e inércia, como presenciamos nas nossas comunidades. Importa que alguns sejam capazes de acordar os outros e deixar inquietação onde a rotina e a resignação já deixaram as suas marcas profundas.

A esta universalidade da missão teremos de acrescentar um outro critério muito querido pelo Papa. Se a missão acontece em cada cristão, a partir do lugar concreto onde vive, existem outras duas perspectivas que caracterizam a missão de hoje. Uma é de índole cultural e a outra mais de ligação ao território. Em primeiro lugar, num mundo pluricultural e indiferente, ou até hostil à experiência religiosa, é fundamental reconhecer e suscitar um profundo respeito por cada cultura na sua



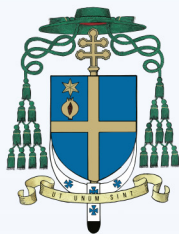
originalidade. Somos um povo com muitas diferenças culturais e, por isso, teremos de apostar na sacralidade de todas as pessoas com as quais dialogamos ou testemunhamos o Evangelho. Não há cultura com a qual não se possa contactar. Elas serão sempre uma riqueza e nunca algo que prejudica o insondável tesouro de Deus Amor que a cada um se oferece. Viajando pelo mundo encontramos uma diversidade cultural à qual teremos de nos habituar, à semelhança de Paulo no Areópago quando falou do “Deus desconhecido”.

Hoje esta pluralidade coabita conosco e desafia-nos permanentemente. Perante este cenário, a tentação é de impor um catálogo doutrinal unívoco que desconsidera o substracto da pessoa. Não há terrenos virgens. Nunca nos deverá ser permitido entrar em monopólios doutrinários que fazem com que a Igreja permaneça num monólogo, que pode até contentar os tradicionalistas, mas que é liminarmente rejeitado por quem não entende os conteúdos ou mensagens. Esta missão de índole plural exige à Igreja uma profunda mudança. Ouvíamos no dia de Pentecostes: “Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna?” (Act 2,8). O Espírito tem de converter a Igreja para tornar a sua mensagem mais adequada, real, que responda às questões existenciais, próxima de tudo quanto ocupa o quotidiano. Não nos iludamos. Não somos entendidos nem sequer por aqueles que nos ouvem diariamente. Só uma grande conversão mostrará a nossa missionaridade e se nos colocarmos do lado dos critérios intelectuais e de valores que o mundo usa. Deixemos de teimar em esquemas e modos tradicionais de interpretar o bondoso Deus.

Outra perspectiva muito importante, e frequentemente recordada pelo Papa, é o território geográfico onde a missão acontece. É necessário partir e continuar o gesto dos grandes missionários que abandonaram o seu mundo para entrar numa realidade totalmente distinta. Acontece que hoje não precisamos de abandonar o nosso lugar da residência ou do trabalho. Devemos situar-nos no nosso ambiente para reconhecer que as nossas cidades ou aldeias são terras de missão. A missão está ao nosso lado, está no local onde vivemos ou trabalhamos.

“Precisamos de identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra que Deus habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças” (EG 118), disse o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*. Numa linguagem ainda mais clara, Deus vive “entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Essa presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada” (EG 118). Sim, a geografia da missão está nas casas das nossas cidades e aldeias. Nelas encontramos homens e mulheres apaixonados por realidades onde Deus mora ocultamente mas real. Basta que retiremos a cortina através da nossa solicitude terna e meiga. Assim geram-se caminhos de proximidade e mostramos que o amor de Deus passa de nós para eles mesmo sem usarmos muitas palavras e, de um modo explícito, abordando questões e assuntos religiosos.

O tempo da hegemonia da palavra já passou. Hoje precisamos de pessoas que se “façam um” com os outros. Neste sentido, Deus entrará na vida dos outros e a comunidade surgirá como uma família estimada e querida. Como é belo o testemunho que comunica. Mas como é terrível também o contra-testemunho que afasta para não mais voltar à comunidade dos crentes. Isto está patente na Regra da Vida Espiritana quando se afirma que “o mesmo Cristo prossegue hoje no mundo esta missão salvadora, da qual a igreja é Sacramento. É no coração do povo de Deus e entre outras vocações,



múltiplas e diversas, suscitadas pela Espírito Santo, que nós Espiritanos, somos chamados pelo Pai e «segregados» para anunciar a Boa Nova do Reino àqueles que ainda não ouviram; aos oprimidos e mais desfavorecidos individual e coletivamente; assumimos tarefas para as quais a igreja dificilmente encontra obreiros” (RVE 12).

Segundo este pensamento de universalidade dos sujeitos e dos destinatários da missão, é natural que esta celebração dos 150 anos de presença do carisma espiritano em Portugal, e também em Braga, seja um impulso para que a Igreja Portuguesa se reconheça também inteiramente missionária. São precisas vocações missionárias nesta cultura da indiferença e do fundamentalismo mas, sobretudo, uma nova consciência missionária gerada por todos os amigos da Congregação. É uma grande responsabilidade que a Igreja agradece e que deveria marcar estas comemorações. Será uma ajuda preciosa para a concretização de quanto os Bispos portugueses diziam na sua carta pastoral: “Para que a nossa Igreja em Portugal tenha um rosto missionário, em comunidades abertas, fraternas e sempre a caminho, em missão que vai de coração a coração segundo os passos do Bom Pastor”.

Neste grande objectivo, o passado será recordado com gratidão, o futuro será a certeza da esperança para a Igreja e o presente é vivido por todos com paixão. É esta paixão que deve provocar um sério exame de consciência. Se ela existir ou renascer com as celebrações, valeu a pena programar e convocar para juntos fazer festa e agradecer aos antepassados. Se ficarmos só em loas e palavras de circunstância nada ficará desta data. Que o Espírito Santo receba muitos frutos missionários da parte de cada um. Um obrigado eclesial a toda a Congregação e que Deus nos conceda esta graça de presenciar uma Igreja, arquidiocesana ou paroquial, com rosto missionário. Parabéns a tantos intérpretes deste espírito. Que Maria a todos recompense.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*